

ENSAIO VISUAL





EDUARDO HENRIQUE PEIRUQUE KICKHÖFEL

Eduardo Henrique Peiruque Kickhöfel é graduado em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Fez mestrado em História da Arte e da Cultura pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutorado em Filosofia da Ciência pela Universidade de São Paulo (USP), ambos a respeito dos estudos de anatomia de Leonardo da Vinci. Desde 2007, é professor convidado na Escola do Masp, onde eventualmente ministra cursos de história da arte do Renascimento. Desde 2008, é professor de História da Filosofia da Renascença na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), em duas áreas: Arte e Ciência na Renascença italiana, tendo como objetos os tratados de arte do período, e filosofia natural da Renascença europeia, tendo como objetos a anatomia e a cosmologia com vista à formação da ciência moderna. Ocupa-se atualmente de uma nova edição dos estudos de anatomia de Leonardo da Vinci, acompanhados de introduções e comentários. Uma vertente contemporânea de seus estudos de filosofia e história da ciência visa pensar consequências do rompimento com o senso comum feito pela ciência moderna, especificamente na área de neurociências que, ao elaborar suas teorias, desconsidera noções intencionais.

Eduardo Kickhöfel estudou também Ciências Biológicas e durante dois anos desenhou peixes fósseis para o Laboratório de Paleontologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Em 2008, realizou sua primeira individual, a exposição *Miserere*, na Microgaleria Arte Acessível StudioClio de Porto Alegre, ganhando o Prêmio Açorianos de melhor exposição de desenhos de 2008.

A curadoria foi de Blanca Brites e Leandro Selister. São os desenhos expostos nessa ocasião que estão presentes no "Ensaio Visual" desta edição da *Trama Interdisciplinar*.

Em 2009, expôs na Galeria Gestual em Porto Alegre a obra *Ars moriendi* cujos desenhos podem ser vistos no *site* da própria galeria (<http://www.gestual.com.br/templates/expo_eduardok.htm>).

Um texto do próprio artista sobre os desenhos de *Misere* pode ser visto a seguir:

Miserere

Francis Bacon enfatizava que a época em que vivia estava distante de mitos válidos, como nas tragédias de Ésquilo e Shakespeare. Conversando com David Sylvester, ele disse: "Quando se está fora de uma tradição, como estão os artistas hoje, pode-se apenas aspirar registrar

os próprios sentimentos em relação a certas situações, permanecendo tanto quanto possível o mais próximo do sistema nervoso". Quando fiz os desenhos aqui publicados, para os quais utilizei uma sequência de fotografias de Eadweard Muybridge que Bacon utilizara ao menos para pintar dois quadros (Stedelijk Museum, Amsterdam; Gemeentemuseum, Den Haag), eu também pensava que restava-me apenas fazer desenhos, que, de um modo ou de outro, estivessem próximos de meu "sistema nervoso".

Como estudioso que acabara de escrever uma tese a respeito de Leonardo da Vinci, essa posição me inquietava. No Renascimento, pintava-se seguindo encomendas e contratos, e fazia-se pinturas para serem partes de aparatos litúrgicos, por exemplo. Mas meus estudos também sugeriam o início da noção de arte como conhecemos hoje. Ideias específicas a respeito da arte da pintura começavam a interferir na elaboração das próprias pinturas, como se vê nos primeiros parágrafos do tratado *O livro da arte*, de Cennino Cennini, e assim iniciava-se o processo de autonomia das artes, concluído em meados do século XVIII. O artista agora produzia a partir de sua própria subjetividade, e, desde então, as palavras de Francis Bacon tendem a apontar para o destino dos artistas contemporâneos. Hoje, ronda-nos a possibilidade de uma espécie de egolândia, no sentido de que cada artista pode criar sua própria linguagem e, assim, destacar-se cada vez mais dos restos da tradição de que faz parte. O risco da banalidade e da incompreensão estão em cada obra que eles fazem dia após dia. Essa postura também me inquietava. Como tentativa de fuga, busquei ousadamente temas universais, como o crânio e o crucifixo, que simbolizam, respectivamente, a morte e a salvação, mas rendi-me às palavras de Bacon ao escolher as fotos de Muybridge. Durante a realização dos desenhos, busquei apenas fazer desenhos que me pareciam belos, sabendo que "beleza" é a palavra que escapa facilmente a definições e que, dificilmente, cabe para qualificar desenhos que descrevem uma sequência dos movimentos de uma criança parálitica caminhando sobre seus quatro membros. De qualquer modo, para quem o discurso a respeito do belo cada vez mais fazia parte do âmbito das neurociências e estudava assuntos estranhos como correlatos neurais do belo, não havia muito a fazer. Mas eu ainda buscava elementos que podiam me ligar à tradição. Isso ocorria por meio do desenho, que remetia diretamente à tradição renascentista, e também por meio do nome que dei à exposição – que também é o nome deste ensaio – que sugeria questões além das formais. Talvez, possa-se perceber e entender o conteúdo de uma obra ao pensar suas formas vindas da tradição em relação a seu título.

Hoje, sei que é possível levar o discurso de Francis Bacon ao extremo. Entretanto, suspeito que as obras de arte ainda remetam a estratos mítico-religiosos que estão na base de nossa cultura. Quando vemos obras em museus, afastamo-nos do tempo da vida cotidiana, e talvez tenhamos alguma forma experiência de salvação. A experiência em frente a uma grande obra de arte talvez sugira a suspensão momentânea dos enigmas da existência e, sobretudo, da morte.



Figura 1 Estudo de Muybridge, sanguínea sobre papel Fabriano, 10 de outubro de 2007, 24 x 32 cm



Figura 2 Estudo de Muybridge, 13 de outubro de 2007, 24 x 32 cm



Figura 3 Estudo de Muybridge, 11 de outubro de 2007, 24 x 32 cm

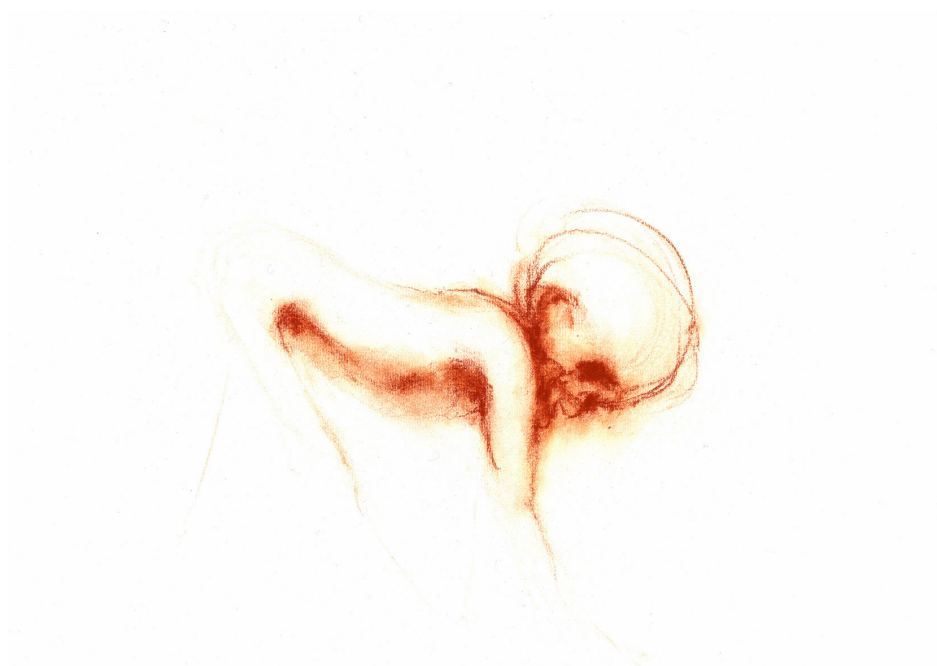


Figura 4 Estudo de Muybridge, 12 de outubro de 2007, 24 x 32 cm



Figura 5 Estudo de Muybridge, 28 de maio de 2008, 24 x 32 cm



Figura 6 Estudo de Muybridge, 6 de junho de 2008, 24 x 32 cm



Figura 7 Estudo de Muybridge, 29 de maio de 2008, 24 x 32 cm



Figura 8 Estudo de Muybridge, 31 de maio de 2008, 24 x 32 cm